

FRED PINHEIRO

P R I S M A

1869.1
P654P

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

"Et c'est l'heure, ó Poete, de decliner ton nom,
ta naissance et ta **race**..."

ST. JOHN PERSE

MINISTERIO DE JUSTICIA Y NEGOCIOS EXTERNOS	
DEPARTAMENTO DE IMPRESA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
270	22/6/56

POEMA

A esgrimir palavras
— sinuosas panteras
que o domar nos custa —
erguer-me tento
a céus de ausência,
serena pluma
a se extinguir
ardendo em mãos
de amor repletas,
que as palavras vencem
o tempo e as coisas,
rápida flecha
a ultrapassar
teto de pássaros.

Na turva hora
do impor-se látego
de luz, espuma
a sonhar-se pátria
de praias do esquecer,
o canto incende
puro cumprir-se
de manhãs em noites

sem mistérios,
última posse
que se disfarça
líricamente sol
em jardins abertos
às inquietas pupilas
espreitando emoções.

E cantá-las
(as palavras felinas)
sem atentar
na sempre morte
que as acompanha,
é alto júbilo
bebendo a seiva
de tanta vida,
o agressivo
de tanto amor.

Alto-mar
Julho-51

NA PÉTALA, O AZUL...

Na pétala
o azul
deitado no olhar.

No azul
o menino de ouro
trânsfuga do sono.

No menino de ouro
o lúcido canto
acenando ao mar.

o perdido em mim,
proceloso
e nas vagas, eu.

Nas líquidas curvas
do horizonte
a pétala flutuando.

E na pétala
a sonhar
o azul.

Julho-48

BREVE ELEGIA AO AMIGO

A IZACYL GUIMARÃES FERREIRA

Tudo é triste: a noturna mansarda, a antiga mesa,
as paredes descascadas, os velhos livros,
a íntima paisagem de antigos recolhimentos.
Nesse inviolado recesso, tua voz lançou-se
entre luminosas fontes que limitavam
aquele particular espaço, onde não sabíamos distinguir
o próprio daquilo que não **chegava** a ser alheio
— canto, adolescência,
riso apenas, e por isso mesmo, serena confiança.

As latitudes, as conhecias todas, e nelas
sem hesitações, soubeste retornar sobre teus passos
como alguém que afinal recuperasse
aquilo que uma só vez madura, sem **mêdo**
de que entre as mãos se desfizesse, entre os lábios
como um quente beijo de adeus, pesado e grave.
Com nítido olhar, deter-se em cada minúcia
do ritual do silêncio preservado
e **nêle**, as mãos do amigo decifradas
em gesto de lealdade ou núpcias
madurando fábulas de sonhos esvaídos.

Agora, minhas são as tuas palavras — as mais secretas —
em troca dos véus que me cobriam, pois que os vistes
em lágrimas de criança.

E em teus olhos, senão que os teus, a fidelidade do espelho.

Com que grave disciplina as dispuseste,
as palavras, aquelas que guardavam
sem o reter, que é o destruir, o azul.

Nossa adolescência, existente como fruto sazonado
prestes a romper o denso invólucro que a retina
acima daquela noturna incerteza, prenunciava,
invulnerável e doce luz, o amor.

E era madrugada. E pássaros inventamos
para que nos acompanhassem às fontes
onde um pastor cantava a pureza do dia.

Na mansarda, tudo era triste, mas para nós que víamos
as paisagens não construídas, inéditas no seu alçar-se
de tetos invisíveis, havia um secreto júbilo.

E na longa intimidade de um poema lido,
aquela adolescente que agora nos esperava
— ciumenta daquilo que não nos oferecera no passado —
e nosso era o poema, nossa a madrugada.

Agosto-49

A SEMENTE

Olhai, enternecidos, para êsse grão
que a si mesmo se olvida e se consome.
Não basta sabê-lo ou apenas senti-lo
sob a fina trama que o enlaça,
fonte agora a prever verdes fluências.
Lançai-o sobre a terra onde as raízes
elaboram futuras descendências
e onde a seiva lhes concede a mutação
e uma secreta permanência no ar.

Escutai o apelo do grão a investir
lavrando minerais, e ei-la, a gêmula
flechada em ousadias contra o sol
no presentir da copada rama,
afluxo a trespassar maturações.

Ante a energia a animar essa alma
tão generosa em suas gratuitas oferendas,
curvemo-nos ante seu ato
de transmigrar-se ao êxtase
em asas de amor e morte volitiva.

Impetuoso é o grito, tenaz o alento
que lhe provém da vencida terra
e sequioso de todas as metamorfoses,
— fruto perfeito de límpida geometria —
já pende ao chão mais próprio e quente.

Outubro-49

POEMA DA HORA FRUSTRADA

De que rudes momentos nasceu *êste* prenúncio
amargo de manhãs sem uma voz que as cante?
No rosto quieto, um riso transmite, comovido
os telegramas do impossível, e não os lemos.
Que mágoa se antecipa à hora equívoca
em que amar julgamos e apenas somos
o descuidado gesto de um deus indiferente?

Tudo isso, tão só, profundamente, embora
cousas vivas falem sua presença:
— pequenos hábitos, paisagens gastas
e o nosso ainda heroísmo.

Profunda solidão de beco,
tudo isso é tão só, que a palavra se cala,
e ao sabê-lo, buscamos o inconquistado pouso
onde ocultar o pranto inútil.

Que salmos minha voz cantará, agora e ainda,
nesta noite tão cheia de pornografia e de pureza?

Maio-50

INDELÉVEL

Cravar as mãos ferozes, ávidas
de piedade tanta, rasgar o que julgamos
ser o próprio ser, e é apenas inércia
de um desespero que não canta
sua alegria à íntima descoberta.

(De enganosas vitórias
que amarga substância
espantos tece em lágrimas?)

É o imóvel estar aqui, sem nada
possuir, nem mesmo a versátil
madrugada, pois que guardá-la
não sabemos, na posse do último
legado de pureza — sinal gravado
há tanto — e ainda adolescente.

Maio-50

NOME PERDIDO

No segredo do nome
teu nome, tua
musicalidade azul
noturna e **vesperal**,
tua sombra, e dela
o inútil perfil
que se debruça
sobre **mim**, perdido.

Tu! Apenas tu!
Aqui, neste pousar
onde a memória
não te esquece,
eu, meus passos,
secreto reino
de menino tão só
(rica solidão
de estar no sonho,
sendo o próprio
sonho: **Eu!**)
Que júbilo e canto
mesmo sabendo-te
perdida de mim,
para mim,

para o sempre
e o nunca mais.
Matinais, que dizem
os pássaros? Nada!
Finda é a migração
e no ar, só finos
traços, orlados
de invisível, corolas
pactuando beijos,
os teus, madurados
decisivos silêncios,
e em segredo retidos
na noite pousada
em teus lábios.

Chorando, grito
pelo teu grito
de adeus, que não
ouvi. Que bússola
então me aponta
o sempre norte-sul
de teus caminhos?
Que dedos tocam-te
os cabelos de bruma?

E olho-te, signo, nome
sem pouso que te acolha.
Perplexo sei-te aqui,
a mais grave de todas
as presenças, sol
máximo das tardes,

manhãs de sagrado
pólen, grávidas.
Tu, nome desfeito
em lágrimas de sal
em minhas pupilas
insones de ti.

Setembro-50

ALTO-MAR

No ar, suspensas
entre mistérios
de oculta fábula
e a fugaz curva
de verdes flancos
(ilhas alegres)
campo de sonhos
que o olhar tange
desatando-os.

Sem compromisso
de formas
e previsões
que os modelem,
incita-os

o gesto mágico
do aventurar-se
felinamente
sobre oceanos
de abismos a céus

sem o conforto
das nebulosas.
Senti-los! Pássaros
na madrugada
encrespando asas
de ouro, talvez
negros corcéis
e densa maresia,
exaustas rosas
que ao oceano
lânguidas
espetalasses
doidas de amor.

E no ar, avidamente
a beber sombras,
o ágil traço
de intenso júbilo
que a boreste
ventos colhessem
flor, no mais leve
desabrochar
de ténue beijo
a formular-se
amante e adeus.

Da espuma fria
que a nau sulca
buscando o porto
para a vertigem

de seus velames,
para ancorar
cansaços tantos
de longos céus
já navegados
sem horizontes
e indagações,
erguem-se: nuvens!
Forma imprecisa
que se recusa
a nossa análise
em alto silêncio
que só os deuses
sabem e retêm.

No breve riso
de uma criança
que se devolve
entre o repouso
e o despertar
da pura hora
— a mais intensa —
no diálogo entre
o adolescente
e o arquiteto
que sonhá-las
sabem, singram:
— Velas fantasmas
pandas de um sonho
ousando-se asa
e marulho, no azul
luminosamente
olhar de deuses.

Inserese nelas
um pressentir
final: a morte,
tácita fonte
que sua própria
água bebe, eterna.
E de muito amor,
o terno canto
que a precede
ergue-se, **flâmula**,
nos altos mastros
de aéreas naus
do maior sonho.

Alto-mar
Julho-51

O INÚTIL INSTANTE

Para que falar de **amor**, se agora
é maré vazante e o mar vomita
ostras quebradas e restos de naufrágios?

De tédio já murmuram as vozes
do que **fôra** amor e **fôra** vivo
sob doidos velames, agora traços
de pupilas baças, corroídas,
e surdas vagas embalam agora
os que um dia acreditaram.

Para que falar de amor, se o adeus
é como espada, e essa maré
está parindo coisas **mortas**, exiladas?

1951

BALADA PARA ESQUECER

Não me pergunte
sobre as palavras
que em segredo
(funda cisterna
onde me abrigo)
amargas tecem
dunas de espanto
sobre o talvez
ou nunca mais
do quase amor.

Que só perdue
entre nós dois
o pressentido
de um verde espaço
de mar soando
nas praias brancas
da meninice.

Que só perdue
êste silêncio
entre a garganta
e a tarde atónita,

só permaneça
um tonto olhar
cheio de longas
navegações,
que só perdure
êste silêncio
em intervalo
e nada mais.

Junho-51

CANTIGA PARA TEREZA

Os verdes ramos, Tereza,
os que foram, onde estão?

As sombras que êles deitaram
não mais repousam no chão.

Agora, chorando tédios
se escondem no coração,

Os ramos verdes quebrados
por ventos de outra sazão,

As verdes sombras, Tereza,
em cuja sombra de então,

Meus olhos tanto disseram
falando-te uma canção.

As verdes ramas, Tereza
pereceram em solidão,

Sem cantigas, em silêncio
na seiva desta paixão.

Junho-51

ESFINGE

"Todo por perdido, todo
en **el haber sido antes**
en el no ser **nunca, ya.**"

PEDRO SALINAS.

A voz que vem de longe,
não vem, parte. E cada
vez mais distante, mais
alto o som que te mutila
e te ergue a um nunca mais
no ser que não foste
— não-ser que talvez
serias — não fosse esta
voz que de longe vem
e chega, e não chegando
jamais do não partir
— a voz que já partiu —
te enlaça, cruel e doce,
mata-te num viver
agora, que não vives.

Junho-51

BALADA PARA O LOURO DONZEL

Que tristes olhos
que ainda choram
por quem choraram.

Cantigas tristes
por quem as cantas?
Perdeste a dama
de verdes olhos,
cruéis espelhos
que tuas mãos
não alcançaram?
No olhar pousado
além do mar,
perdeste algures
tua guitarra
de menestrel?

Perdeste acaso
(dos deuses fado)
a ciganinha
que um dia longe



(tão longo dia)
te leu a palma
da esguia mão,
(que coisas disse?)
rendeu-te a alma
ó louro pajem
de azul corcel?

Em altas torres
ai, que sonhar
inda mais alto.

Ficaste então
de olhar perdido
por quem te **olhou**,
cativo inteiro
de quem partiu.
Toma a guitarra
fere-lhe a prima
que o vento sul
já fende espaços
a galopar
as brumas tontas
de tanto amor.

Cantar de amor,
balada amante
por quem partiu.

Não te detenhas
nos olhos verdes,
tange a guitarra
e agora lembra
que já uma vez
te leu a palma
(que coisas disse?)
rendeu-te a alma
c alçou adeus
às mãos esguias
que agora **cantam**,
ai, que cantar.

Cantar cigano
no vento exausto
que diz adeus.

1951.

OFERENDA

O silêncio adormecido em tua **bôca**
secreta resistência esconde aos cantos
que te ofertarei, tecido noturno
na mais pura substância de meus prantos.

No efêmero colhida, esta linguagem
de um país que existiu, não mais alto
e meu do que teu corpo de saudades
em manhãs enlaçado, e os esquivos seios
irmãos das nuvens e dos pássaros.

O interrogar-te os olhos, ternura
fôra em mim a desfazer-se em luas
do esperar teu corpo erguer-se,
na aceitação desse canto de amor
tão pouco e tanto que te ofertarei.

Mas o silêncio em tua **bôca** permanece
e minhas ternuras morrem sem roteiro.

Junho-51

LAGOA DO ABAETE

A branca areia encurva-se
debruçada no líquido espelho
concentrado, denso epitalâmio
onde domando a água, a noite
retém as formas do invisível.
Pupilas cautelosas espreitam
ali, onde o saber-se é sonho,
o incauto nadador que despertar
ousara desoladas superfícies
que nem mesmo o vento embala
em peregrinações de espanto.

Adormecida entre alvas dunas
queda-se a líquida esfinge,
e nela, a beber outro silêncio,
um silêncio ainda mais turvo,
sagrado quase, alheio ao vento,
ao pranto e a sua própria morte.

Salvador — Bahia
Julho-51

POEMA VESPERAL

para NEUSA

Era solo, ilha
de sonho ou torre
de infância. Apenas
não os sabias teus,
na maior posse
de incertas noites
do não saber-te
tu mesma,
sempre adolescente
da procura, ébria
das descobertas
do **invisível**.

No alegre passo
de pupilas vendo
a primeira **sêde**
saciando-se fonte
viste-o, a florando
agreste e rude

— teu solo, tarde
justificativa
de um sonhar-se
estranha geografia
em diálogos inventada
na irreduzível hora
das madrugadas,
sabendo-as de solidão
e face **intemporal**.

O solo, pisaste-o
na vespéral certeza
de posse de ti mesma!
Ousada ante **mim**
(desconhecido mar
interrogando praias)
tu, sem suborno
sendo, em grave
renascer, altíssima
flor **sonhada**,
no mais puro gesto
erguida, em ti,
completa.

Setembro-51

POEMA

A morada de tanto
ainda querer-te, mais
de que meu canto,
ergue-se, tédio cinza
de arcadas góticas
sobre o mar.

Ameias de um pensar-te
espuma sob a lua
e teu olhar moruno
ardendo, a me acenar
nos mastaréus da névoa,
onde gaivotas falam
de um amanhã que nem mais
penso, que é um pensar
de bruma e de um querer
amar.

Sobre parcéis de ftm sonho
nostálgico de ti,
erguem-se aladas torres

do ainda querer-te
aqui, nesta mansarda erma
onde, obstinadas, vivem
e sonham, heráldicas
mil arcadas-saudades
sobre o mar...

1952.

PRIMEIRA ELEGIA

Sem o saber, em vida fôra sonho,
e no sonho, da morte fôra servo.
Agora, em face do segredo, explora
o cerne onde ressoam sólídões

De opaco olhar num sono de brancuras.
De um pastor soa a flauta, melancólica,
e tímido, ali, o amor a relva aflora
em contraponto ao canto da folhagem.

Dormem brumas as pombas de ouro e pranto.
e o que na tumba fôra duro exílio
entranha vôo, retornando à pátria.

De flauta morre o canto, o rude vento
amaina, e fica do pinheiro a sombra
em silêncio, deitada sobre o mármore.

Agosto-51

SEGUNDA ELEGIA

ó taça, vê! Daquele seio rútilo
de amor afloram estilhas violadas
na posse fugaz onde a saudade vive
e vivendo, é enlace entre um morrer

De homem e um azul morrer de pássarc.
Ergo-te cristal, e no ténue sonho
dos amantes a alegria vou sorvendo,
que exaltados foram êles de ousado

Amor, e já algum dia, sedenta raiz
e seiva já bebida fôra a morte
na promessa dos frutos jubilados.

Após sorvida, deixo-te enlutada,
que sob as vagas morre adolescências
aquela que te foi a eterna amada.

Novembro-51

TERCEIRA ELEGIA

Tu, vinho fiel, lembrarás os cânticos
ante meus olhos onde choram pássaros
de asas felinas a ferir saudades
sobre o mar, ágil tecelão de espumas.

E novamente ouvirei quem no exílio
sonoro búzio foi de uma lembrança,
alguém que fôra flama e fôra cinza
agora nau em túmulo — sargaços.

E mais uma vez, alguém sorverá
o amoroso sonhar das madrugadas,
e longe, entre os parcéis onde o cantar

Dos ventos adormece cristas rudes,
que estranha face se erguerá chorando
além do verde cantochão das vagas.

Novembro-51

PRIMEIRA METAMORFOSE

Aqui o som morreu, e tecendo sóis de sombra
o sono petrificou-se em doce estagnação de ausência.
No ar, nuvens felinas em raptadas formas do visível
submergem nos antros do sem fim
onde estações corrompem suas fibras
outrora verde seiva ardendo nas ramagens.
E que pétreia imobilidade sufocou nossa voz?
Que acerado estilete fendeu a noite
no grito estrangulado nas gargantas do horizonte?

Silenciam os cantos da nascente outrora,
e onde os múltiplos pássaros legendários
gotas de sol bebiam, apenas o espanto e a órbita arregalada
— estas coisas vencidas, que em calcárea quietação
dormem o límpido sono dos minérios.

Aluiram catedrais, ruiram as colunatas de ouro,
fendeu-se o chão, bebendo as ambições do aço e as quimeras
[de argila.
Vomita o tempo estranhas quietudes, e nas cisternas do
[espaço
inúteis luars de icterícia exibem sua melancolia estéril,
e no **ossuário** da noite uma tristeza se acalenta,
uma pura tristeza de criança poluída em fezes.

E por que não dizer? — a luz irromperia do asfalto
tocasse alguém a esquecida flauta, alguém
ousasse o perdido gesto de ternura
já esquecido nas *fimbrias* de uma antiga e breve noite
onde os sons eram apenas
uma única sintaxe perplexa de amor.

Dêle viria o *presságio*, a chave dos umbrais, a certa flecha
[de um cantar
a alta latitude gravada para sempre no aço das máquinas;
nasceria esta vontade de louvar o horrível, o caos, as silen-
[ciosas gárgulas, as velas enfunadas de loucuras,
os peixes bêbados de abismo, os cegos moluscos,
o estrume das éguas e as galopadas dos garanhões no cio,
e tudo cessaria ante o mágico instante em que minha fronte
[pousasse em teu regaço
— que irromperia então o amor das rochas do asco e do si-
[lêncio
em gritos de pleno desafio, lanças de um sonho lacerando
as negras túnicas dos sacerdotes da morte e das cortesãs
[de sexos felinos

Mas nada posso dizer-te deste amor em mim construído
em altas torres do invisível e adulfas intangíveis
por onde espionam meus olhos míopes de esperas
— que o som morreu, assassinaram o som
e mudos os homens marcham para a submissão à morte
enquanto nas pedras soluça uma saudade de pássaro *ine-*
[briado de canto.

Setembro-53

SEGUNDA METAMORFOSE

Em emigração transpomos imensos vales matinais
onde rumina o gado, estendendo a nós o manso olhar
onde se deita o céu que já não vemos.
Perde-se a retina na futura distância,
engolfa-se em novas contemplações,
e uma áspera esponja bebe os resquícios da memória
que resiste, pertinaz e cancerosa célula
multiplicando nódulos de lembranças.

Os caminhos nos apontam sempre em frente
e nossos pés perpassam e alígeros avançam
deixando rastros cada vez mais leves,
até o porto ao longe, onde as barçaças
são guias do destino, ágeis fiandeiras
tecendo os fios em cujas pontas queda-se
a estranha face à espera de alguém.

Pelo convés passeamos a noturna memória
encapuçada de presságios. Ouvimos sons de esfinge
e o augúrio de uma voz que nos comove.
Dormimos no porão, onde outros repousam
seus cansaços, velho caracol abandonando
o envólucro de frustrações e pesadelos.

Traz-nos o vento o frescor das distâncias,
a calmaria de céus vegetais, um azul-saudade
onde a gaivota peregrina oferece
o ritual e o malabarismo de seu vôo.

Nas molhadas amplidões sem terra
o que busca essa ave? Que solução encontra
nessas nuvens?

Que umbral existe à sua espera, além
dessas cristações de águas
e desse torvelinho de ventos?

Seu grito ergue-se acima do solstício
e não sabemos se é pressentida vitória,
acre desafio ou adeus que ao sol o mar devora.

Anoitece... A gaivota desaparece em seu destino
para nós astrolábio do mistério.

Os sinais do amanhã permanecem órbitas de segredo
e o céu, imóvel em nossos olhos contemplados,
onde a memória desfia, gôta a gôta, suas histórias.

Novembro-53

COMPOSIÇÃO AMADA

Algumas vezes, quando marítima a brisa
em minha frente pouisa sua longínqua fonte
de luar avoengo, lanço meus passos
nas campinas e minha voz junto a dos pássaros
ergo e tento... Tento o mágico diálogo
no íntimo segredo que no canto ecoa
e nas brisas flui e seu mistério adensa.

Em sonora forma, livre, solto além das curvas
que a retina mostra, a geometria do canto,
e nêle arquiteto novas formas, sortilégio esquivo
de teu nome e o búzio cantante de teus olhos.

Em breve areia desenho-te em conchas de absinto
que amargo é o ver-te apenas névoa transitória,
ou te componho em anelante sons de vagas,
em vôo de plumas amarelas cuja linguagem aprendes
em minha sintaxe de bruma e madrugada
— que é tempo ainda, embora anuncie a morte
seus passos de corça em breves rastros.

Se é noite ainda, faço-te de resquícios de ondas,
e o que aprendi em nossos rápidos diálogos
em *mim* submerge com a chegada da autora.
Falas com meus sonhos, és minha memória e minha noite,
és tu mesma, e minha sombra aguda
em ti é o início das origens.
Se amanhece nos aclives do poema
enlaça-te a ternura imemorial dos tempos
nas lembranças do idílio que sempre se renova,
e te alicerço, firme dique na preamar do norte
enquanto a luz escorre sobre os seixos
e abrasa o sinuante murmurar das águas.

Na abscissa dos signos, invisíveis microfones proclamam
as fontes do poema, e *êste*, nas úmidas penedias
escreve o ciclo das marés e das vazantes
onde marulha o levante de vozes ancestrais
que um dia, em segredo, nos contarão
o puro conteúdo de seu canto.

E te tornas, então, exata e implacável obsessão
de todas as presenças. O alucinado canto
afugenta a tempestade e os signos de tua vinda
conjuram as malignas litanias do vento.
Sozinhos tecemos o mágico painel
de íntimas palavras, e o erguemos à fúria
consumidora do dia que mastiga o zodíaco,
bandeira içada ao sonho, plena, intocável.

Novembro-53

CÂNTICO DA MALDIÇÃO E DO RESGATE

No sussurrar do mistério é que te ouço, concha do exílio,
•à ecoar os velhos rituais de minha alma estrangeira,
o puro erguer-se da imagem do primitivo dia,
o nítido som do cântico ancestral
e teu nome de sacerdotisa na cerimónia do exorcismo.

Remoto é o anoitecer sobre o asfalto sem relva.
Eterna a vigília dos príncipes do desterro!
Ah, saber os olhos sob a lua, e manso sobre o musgo
o velado sexo da noiva cingido à nascença do indizível.
Ah, sonhar os cabelos agasalhando o sono do proscrito
c a voz *a* murmurar a mágica melopeia
desnastrando sombras mansas em teus seios.

Estranhas asas rufiam os altos signos da sombra
c tu, Estrangeira, em minhas plagas de sal,
a cantar a nostálgica salsugem das travessias.
Tu, recém-chegada ao império das areias,
em que pátria de concreto e aço deixaste
a secreta sonoridade de tuas vogais de veludo
e tuas modulações de êxtase?

Vê! Aqui o abrasado ar destrói a geometria
onde as brisas tantas encrespam as dunas,
torreões e mais torreões, alçando à solidão
sombrias de espanto onde crepita o sono das donzelas
sacrificadas um dia, na ara do deus sol.

Aqui, neste côncavo onde a reconciliação
proclama o emigrar das nuvens, espero o alto
signo de teu nome, o erguer-se do presságio
de tua aparição sobre as desoladas estiagens
a espreitar a chegada das primeiras chuvas.
Já cintilam as trompas da aurora sobre um azul
que o ar tingiu de outro azul, gaivotas e campânulas
de prata, e o ranger do arado, as flutuantes espigas
e a misteriosa origem de todas as nascentes.
Sobre a areia, as ondas e as salgadas carcassas de veleiros,
e o vento, ah, Estrangeira, o vento no cimo da ressaca,
o puro grito das gaivotas e os fantasmas de marinheiros
entoando a barlavento, na gávea de galeras perdidas
o êia-ôu desesperado das vazantes amargas
e o adeus que o vento soterrou.

II

Onde a partilha da herança que nos **coube**.
amaldiçoada na seara do tempo, o **infamante** estigma
que nos açoitou de vergonha e de injúria?
Sombrio o dia em que nos expatriamos, sofrendo
a humilhação das árvores e das águas
e do silêncio triturado no festim de nosso **êxule**.

Dividida foi a herança, além das campinas adustas
chicoteada foi a palavra de fel
e, ai de nós, nem um só pássaro de fogo
para conjurar os duendes, senhores das trevas e do sono,
Que obstinado ventre crescia então estranhamente?
Em segredo já cantava a maldição de um mundo novo.
E o uivo! de anjo e de pantera, a talar a face do tempo
em estilhaços de sangue e de placenta!
Estranho momento o desse grito,
estranha a face a chorar
o segredo de sua imensa solidão de fêmea.

Eis a herança, renovada sempre com a pupila do sol,
e Aquilo ecoando, sempre,
cada aurora, mais forte, mais feroz,
a Pantera a lançar o bote sobre a presa
e o Anjo querendo alçar-se a sua pátria primitiva.
Ah, as remotas civilizações a desvendarem a virgindade das
[águas,
a fenderem a solidão das areias com o fausto dos impérios
— tôda a glória dos povos, a pompa das séculos e a cinza
[das pompas —,
e nossa imagem, pendurada e perdurada nas forças da **mal-**
[dição,

Esta a herança, ó Estrangeira! **Este** o símbolo
erguido em nossas fronteiras eriçadas de amargo degredo,
a apontar as esferas de onde rolamos,
o alto cimo onde a pura **palavra**, um dia, nos contou
o mistério de sua nascença e o segredo de seu canto.

Reconquistar! Reaver a gleba natal!
Embora o sal abra-se nossas chagas
e o abutre arranque as pupilas
que já um dia contemplaram a manhã mais frágil
afiada de um velho alaúde de cristal e sonho!
Reconquistar! Resgatar o primitivo dia,
o primitivo choro, o primeiro espanto
e a dança das adolescentes sagrando a primavera.



Ao amanhecer, êste grito de regresso
na pupila e na paisagem,
todas as manhãs, sempre mais intensa
a inquietação do desejo, êste querer partir.
Ansiosas do espaço, asas perpassam sobre a relva
ensaando o relâmpago do vôo, rápida estilha
a cortar o azul, embriagada de alegria!
E o sibilar das areias, o apelo da velha mansarda
cujo umbral trespassarei, ó Estrangeira,
tua fragilidade de noiva no arco de meus braços.
Já aves colhem, nas ourelas da luz, acima dessas dunas,
além da crista das brumas, o mais leve, o mais frágil
e delicado traço de uma ternura que é nossa!

Sempre! Agora! Essencialmente agora
em que as ossadas sonham suas pátrias!
Agora, em que mais forte ecoa dentro da ressaca
nosso grito ancestral em resposta ao Demiurgo!
À maldição que nos lançou, responderemos
com o mútuo gesto de posse e desafio.
Ao delito avoengo, reafirmamos a crença
nesta ganga áspera, onde nosso reino instalaremos,
nesta rude ganga, onde o suor fecunda
a terra em nós, e nela nosso canto.

Já não haverá retorno, Estrangeira!
Aqui mesmo ergueremos ameias, e de pedra
e de barro será nosso umbral, será nossa a gleba
onde borbulham sementes e palavras,
esta praia de conchas onde cantam marinheiros
que tiveram nosso sangue,
os pássaros irmãos, as sombras repousantes,
a brisa notívaga, o sol, as dunas, as raízes
e o mar remoto onde nossa amarga saudade soluçou, um dia.

Eis-nos, Estrangeira, face a face, novamente!
E uma vez mais renova-se o puro ritual.
Tua voz já exorcizou o vento e a noite,
teu canto domina o mar e seu lamento,
teus olhos os duendes conjuram cavalgando a noite.

Refaz teu corpo o inicial mistério
e em silêncio maior cumpre-se o resgate.

ÍNDICE

	Págs.
Poema	5
Na pétala, o azul	8
Breve elegia ao amigo	9
A semente	11
Poema da hora frustrada	13
Indelével	15
Nome perdido	17
Alto-mar	21
O inútil instante	25
Balada para esquecer	27
Cantiga para Tereza	29
Esfinge	31
Balada para o louro donzel	33
Oferenda	37
Lagoa do Abaete	39
Poema vespéral	41
Poema	43
Primeira elegia	45
Segunda elegia	47
Terceira elegia	49
Primeira metamorfose	51
Segunda metamorfose	53
Composição amada	55
Cântico da maldição e do resgate	57